



DO ANALÓGICO PARA O DIGITAL: AS NOVAS ROTINAS PRODUTIVAS DOS PROFISSIONAIS DA TV PARAÍBA

Mayara Praxedes Medeiros da Trindade¹
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB

Verônica Almeida de Oliveira Lima²
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB e
Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos/CESREI

RESUMO

Este trabalho discute as mudanças vividas pelos profissionais da TV Paraíba a partir da transição da TV analógica para a TV digital. Busca-se compreender o processo de adaptação destes profissionais às novas rotinas produtivas inseridas dentro do processo de digitalização da emissora. Tendo como base entrevistas feitas com os funcionários da TV Paraíba, o trabalho faz uma análise do impacto das novas ferramentas de trabalho, assim como do novo processo de produção da notícia, partindo do entendimento de que a passagem do modelo produtivo fordista para o pós-fordista afetou o processo produtivo do trabalho como um todo, que passa a exigir profissionais com novas habilidades.

Palavras-chave: TV Digital; Jornalismo; Pós-Fordismo, Rotinas Produtivas.

Introdução

A digitalização dos processos de comunicação vem provocando mudanças importantes de base técnica sobre as quais os meios eletrônicos, como a TV e o Rádio, estão alicerçados. Tal processo significa um momento crucial de redefinição do modelo tradicional sobre o qual a

¹ Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba. Produtora da TV Itararé e Assessora de Imprensa do Colégio Motiva. E-mail: mayaramedeiros458@gmail.com

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real, Portugal) e membro colaboradora do grupo de pesquisa Philosophy and Public Space, da Universidade do Porto, em Portugal. É professora do Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos e da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: veronicajornalista@yahoo.com.br

televisão foi historicamente fundada. “Sobretudo porque há mudanças na base de suporte: o sinal deixa de ser analógico e passa a ser digital”. (SILVA *in* NUNES, 2009, p. 22).

No Brasil, o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD) foi criado oficialmente em 26 de novembro de 2003, através do decreto presidencial nº 4.901, com os parâmetros de implantação publicados em 20 de junho de 2006 através do decreto nº 5.820. (SILVA *in* NUNES, 2009).

O aparelho de TV Digital está mais próximo de um computador do que um aparelho convencional de TV. Tal mudança, que reflete diretamente na reprodução da imagem, representa ainda profundas transformações nos modos de se produzir, construir e disseminar informações, o que nos leva a crer que tal processo também traz a reboque mudanças significativas nas rotinas produtivas daqueles envolvidos no processo de construção de conteúdo.

Em Campina Grande/PB, a transição da TV Analógica para a TV Digital, vivenciada pela TV Paraíba, afiliada da Rede Globo, durante o ano de 2013, foi um marco, levando em consideração que a emissora foi pioneira em Campina Grande com a transmissão da programação nacional e local em HD (*High Definition* – Alta Definição). Esse processo migratório, que melhorou a qualidade das imagens e eficiência do sinal televisivo, também influenciou os telespectadores, que precisaram adaptar seus aparelhos de televisão para que a novidade pudesse ser sentida.

Sendo assim, este trabalho busca analisar como os profissionais de comunicação da TV Paraíba tiveram suas rotinas profissionais afetadas com a mudança da TV analógica para a digital. Tenta-se aqui discutir as mudanças nas rotinas produtivas dos profissionais de comunicação, categoria esta também afetada pelo avanço tecnológico. Como os profissionais da TV Paraíba se adaptaram à nova realidade e o que estão fazendo para conviver profissionalmente com uma tecnologia com potencialidades ainda inexploradas? Estas são duas das questões que pretendemos responder com esta pesquisa.

Partimos da premissa de que a transição da TV analógica para a digital acompanharam as características que marcam o regime de acumulação flexível, que operaram, assim, uma transformação na natureza do jornalismo e do jornalista. Este artigo analisa, justamente, as

mudanças pelas quais os profissionais daquela emissora passaram e ainda vem passando do ponto de vista das rotinas de trabalho.

Diante do exposto, propomos neste artigo esboçar uma análise acerca dos impactos profissionais que o modelo de TV digital brasileiro acarreta, especificamente para os profissionais de comunicação. A pesquisa é de caráter qualitativo, sendo ainda exploratória e descritiva, utilizando como técnica de captação de dados a observação participante, entrevista semiestruturada e pesquisa bibliográfica.

Para realização das entrevistas foram contactados funcionários da TV Paraíba de Comunicação, com o objetivo de compreender a realidade vivenciada por eles e as principais dificuldades encontradas, assim como as formas que eles encontraram para se adaptar. Repórteres, produtores, apresentadores e técnicos foram entrevistados. Tais entrevistas tiveram como objetivo captar o relato dos profissionais sobre as principais mudanças que cada um deles viveu com a transição da TV analógica para a digital, levando em consideração que esta mudança não se trata apenas de técnica, mas também de mão de obra, adaptação, reestruturação, aparência e familiarização com os novos instrumentos de trabalho. A observação participante teve como objetivo não só convocar tais informantes, mas também explorar as minhas impressões a respeito do tema abordado, levando também em consideração as dificuldades e adaptações vividas na produção de jornalismo, na qual exerço a função de produtora desde janeiro de 2011.

O trabalho será dividido em duas partes. A primeira aponta para as mudanças no mundo do trabalho na sociedade da informação e a segunda apresenta as dificuldades e os desafios vivenciados pelos profissionais na nova rotina de produção.

Sociedade da informação e as transformações nas esferas produtivas

A ideia de uma sociedade da informação, como a de sociedade pós-industrial, no seu tempo, refere-se a uma mudança real do capitalismo, fruto do esgotamento do padrão de desenvolvimento do pós-guerra. Neste caso, a introdução das tecnologias da informação e da comunicação teria por função elevar a produtividade no trabalho.

Informação e conhecimento não passam a determinar, tanto quanto o trabalho, o valor, pois não existe conhecimento ou informação produtiva em abstrato, desvinculados do

próprio trabalho. Trabalho informacional, trabalho intelectual são expressões adequadas para definir a nova situação, em que o que se extrai do trabalhador, como fonte da mais valia, não são mais prioritariamente suas energias físicas, mas mentais. (BOLAÑO, 2005, p. 1)

Sendo assim, pode-se pensar que o trabalhador, na atualidade, vale pelo o que carrega de bagagem intelectual. Os quadros de funcionários tendem a ser reestruturados justamente pela necessidade de “energias mentais” para preencher os espaços encontrados com a grande produção em pouco tempo, ocupando o tempo livre com mais produtividade.

Tal análise se opõe a estruturação para a produção em massa, evidenciada através do fordismo, que se baseou em inovações técnicas e organizacionais, visando um maior lucro para as empresas. Tal regime, imperou até início da década de 1970, onde, a partir de então, se percebe um movimento de transição do regime fordista de acumulação para o que alguns autores definem como regime flexível de acumulação, ou pós-fordista. Harvey (1992) aponta o ano de 1973 como o marco desse processo de transição nos países capitalistas avançados. O novo ciclo seria decorrência do esgotamento da capacidade de resposta do fordismo-keynesiano à crise da superacumulação do final dos anos 1960.

O método de produção fordista exigia grandes investimentos em máquinas e instalações. O economista Michel Aglietta (1938), identificou o fordismo como o princípio de regulação de um regime de acumulação macrossocial, ou seja, que envolve formas específicas da produção capitalista e normas de consumo social. Logo, segundo o economista, o setor de produção cresceu muito mais rápido que o setor de consumo.

Do ponto de vista das empresas de comunicação, Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006), afirmam que o desenvolvimento técnico e organizacional da imprensa vai acompanhar, ao longo dos anos, os avanços e os recuos da ordem capitalista nos demais setores da economia nacional. Manuel Castells (2003, p.266) também afirma que em “qualquer processo de transição histórica, uma das expressões de mudança sistêmica mais direta é a transformação da estrutura ocupacional, ou seja, das categorias profissionais e do emprego”.

As mutações do trabalho alavancadas pelo avanço tecnológico, proporcionaram facilidades e diminuição de erros para muitas profissões. Tais mudanças colaboraram com o trabalho do profissional da área de comunicação, oferecendo-lhe praticidade e conforto, por exemplo. Porém, junto às mudanças, vem os dilemas como o da substituição do trabalho humano pela máquina. E

quando isso não ocorre, a problemática gira em torno da atualização, treinamento e especialização de profissionais, além de mais competitividade profissional.

Para Boaventura de Sousa Santos (2005), uma nova ordem capitalista global surge como consequência da sociedade da informação globalizada. Esse novo cenário capitalista é marcado, dentre outras coisas, pela individualização do trabalho e por uma sociedade de atividades plurais. No caso do jornalismo, a recente incorporação de novos recursos tecnológicos, como a TV digital, vem causando mudanças significativas no trabalho dos jornalistas. O estudioso David Harvey (1993), discute sobre a transitoriedade e condição efêmera das coisas, que acabam caracterizando o anseio pelo novo.

Em dezembro de 2007 ocorreu a primeira transmissão oficial de sinal digital no Brasil, na cidade de São Paulo. Esse foi o impulso para o fortalecimento e crescimento que cada emissora se encarregou de correr atrás em nome do moderno e, conseqüentemente, de um retorno financeiro gerado pela audiência.

É fato que as inovações tecnológicas trouxeram profundas mudanças para a sociedade e isso se estende ao mercado de trabalho. Segundo a pesquisadora Vânia Herédia (2004), esses novos efeitos que podem ser chamados de “impactos sociais”, repercutiram nos processos de trabalho, na qualificação da força de trabalho, nas próprias condições de trabalho, na saúde do trabalhador e conseqüentemente nas políticas de ocupação, afetando diretamente a questão do emprego.

A utilização de novas tecnologias nos processos produtivos das mais variadas profissões trouxe também consigo a diminuição do trabalho necessário, que se traduz na economia líquida do tempo de trabalho, uma vez que começou a ocorrer uma mudança na organização deste processo visando a apropriação das novas ferramentas para dinamizar tais processos.

No caso no qual nos debruçamos, a TV Paraíba, ao se deparar com ferramentas de comunicação novas, os profissionais precisaram encontrar novas formas produzir e disponibilizar conteúdos, para que o resultado final pudesse ser de qualidade e atendesse a demanda de um sinal que tem como característica, a tentativa de “perfeição”. Por trás disso, existe também um público receptor bem mais exigente, mais crítico, gerando mais cobrança na vida destes profissionais.

Assim, também é um dos grandes desafios dos que trabalham com esta nova realidade, compreender as necessidades do público diante desta conjuntura. São mudanças que surgem na

técnica e vão até a maquiagem da apresentadora do telejornal. Todo o funcionamento tecnológico tem que garantir total qualidade de serviço e para que isso possa acontecer, a ligação dos fios e a antena para um ao vivo tiveram que ser repensados, assim como a câmera usada pelos cinegrafistas. Estes, por sua vez, precisaram adequar os ângulos e os repórteres passaram a entender não só suas próprias funções, mas toda a sistemática para que sua imagem fosse ao ar.

Portanto, os avanços tecnológicos se apresentam como crucial para os profissionais de comunicação, pois inserem novas lógicas de produção da notícia, de se relacionar com as fontes de informação e também com os receptores. É preciso se adaptar a tal realidade sob a pena de se perder enquanto posto ou força de trabalho.

Nos países avançados, o desemprego tecnológico é minimizado por planos de desenvolvimento e reorganização social, nos quais, apesar do uso de novas tecnologias, são mantidos os níveis de emprego. Porém, existe uma discussão contínua promovida pelos seus sindicatos, conforme afirma Falabella (*apud* NEDER, 1988, p.15-16) no que diz respeito à diminuição ou ao desaparecimento de seus coletivos de trabalho, “sobre o flagelo do desemprego e a concorrência entre os jovens treinados para lidar com as novas tecnologias e os operários especializados da meia-idade”.

Virgínia Predelina da Silveira Fonseca (2005), em sua tese de doutorado identifica que, diferente do período fordista de produção que é marcado pela parcelização do trabalho e especialização de tarefas, a tendência pós-fordista é o acúmulo de atividades e, dessa forma, determinadas funções se extinguíram juntas com seus respectivos cargos.

Diante disto, é importante que o profissional tenha conhecimento das mudanças que estão acontecendo em seu universo de trabalho, para conseguir acompanhar as novas exigências mercantis. Porém, a iniciativa precisa partir também da empresa da qual o trabalhador faz parte, oferecendo esta qualificação aos novos e antigos profissionais.

As novas rotinas produtivas no trabalho jornalístico

Volatilidade, efemeridade, instantaneidade e descartabilidade passam a ser características penetrantes dos processos produtivos e, conseqüentemente, do consumo de bens materiais e

simbólicos, como os informacionais (HARVEY, 1992) com reflexos direto sobre a atividade jornalística.

Esta mudança constante resulta na necessidade do mercado em acompanhar as novas tendências tecnológicas. A TV digital trouxe todo esse “bombardeio” de modernidade, transformando não só o som e a imagem, mas também os profissionais. Nunca a comunicação foi tão ágil, rápida e fácil.

Pensar e viabilizar a operacionalização da cobertura telejornalística. Em poucas palavras, eis a essência da atividade de produção do conteúdo para o jornalismo e TV. Delinear dentro das rotinas já aludidas os meios mais eficazes para a construção da notícia. Se para a televisão eletrônica analógica esta já é uma tarefa que envolve o desenvolvimento de várias habilidades por parte do profissional, com a chegada do SBDTV (*sic*) estas competências tendem a exigir uma carga maior de complexificação. (SANTOS *in* NUNES, 2009, p. 103)

A televisão digital no Brasil remete à implementação de um sistema que se definiu entre os anos de 2006 e 2007. A partir de maio de 2008, teve início a campanha de popularização da televisão digital brasileira, se expandindo por vários estados do país.

Com a introdução do formato digital o estúdio da TV Paraíba passou a ser todo reformulado, os telões distribuídos para que os apresentadores possam se locomover e tratar melhor os assuntos abordados, tornando a notícia mais dinâmica. No entanto, isso também evidenciou as roupas, o cabelo, as cores e a maquiagem. Uma imagem HD, exige uma maior preocupação por parte dos profissionais que trabalham no vídeo. Observando isso, percebemos que esta nova condição fez também surgir uma nova preocupação: maquiagem de melhor qualidade, roupas com o tecido de melhor aparência, sapatos mais limpos e mais modernos e todo o aparato necessário para deixar a estética destes profissionais quase impecável.

O chefe de redação da TV Paraíba, Carlos Siqueira, citou que este dinamismo, ou seja, estas mudanças que aconteceram facilitaram também as relações de trabalho, uma vez que cada profissional precisa compreender melhor todo o processo de produção e não preocupa-se apenas com o seu serviço. Agora, ao fazer uma entrevista, o repórter precisa não só creditar o entrevistado, mas também colocar o microfone parado em frente ao mesmo; isso facilita o trabalho na ilha de edição, que ao ver os “recortes” das imagens, já saberá onde se encontra a sonora para encaixar no espaço de um off.

Nas ruas, a preocupação com a qualidade da imagem tornou-se uma exigência exemplar. O cinegrafista Eudes Marques explica que precisa fazer novos ângulos, de modo que a imagem esteja suficientemente boa para ser exibida tanto na TV de tubo, como na que transmite em imagem HD, evidenciando a questão de que nem todos os telespectadores acompanharam essa transição.

Dentro da redação, a produção precisou não só ser mais ágil ao pautar o material, como também reaprendeu a utilizar o programa usado para armazenar todo o material feito. O sistema digital implantado na redação é bem mais moderno e prático, mas isso também depende da ajuda da própria produção, que redobrou os cuidados ao retrancar alguma pauta. Por exemplo, uma retranca com duas palavras chaves bem específicas, facilita o encontro do arquivo meses depois. Retranças genéricas foram terminantemente proibidas, pois dificulta o encontro deste material e complicam todo o processo de montagem de uma matéria posterior que também precise daquelas imagens.

Segundo Carlos Siqueira, essa necessidade do “ser pensante” fez com que a nova tecnologia implantada na empresa não tivesse ligação alguma com a substituição de profissionais por máquinas, característica do fordismo, mas se aproxima com a realidade que designamos hoje de “acumulação flexível”:

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (HARVEY, 1993, p. 192)

Segundo ele, a presença das novas máquinas fez com que fosse necessário que os profissionais entrassem em sintonia com elas, não brigassem. Além disso, surgiram vagas destinadas a profissionais responsáveis pela coordenação da produção e pelo gerenciamento.

Outra “quebra” na antiga realidade com a chegada da TV digital, foi a presença de jornalistas em funções que antes não lhes eram comuns, a exemplo do editor de imagem. Esta função agora exige uma maior compreensão por parte dos profissionais, que também precisam estar atentos a erros de concordância nos off’s, redundâncias, insuficiência de imagens, etc.

No caso da TV Paraíba, houve ainda um aumento significativo na quantidade de matérias editadas por hora. Se antes um VT precisava de vinte minutos para ser editado (levando-se em consideração todo o processo, desde a filmagem na rua com câmeras mais antigas até a fita chegar

à redação, ser rebobinada e as imagens para cobrir a matéria serem procuradas “voltando” e “adiantando”), agora um disco compacto é colocado em um computador, onde as imagens podem ser visualizadas em recortes, e o editor clica diretamente naquilo que lhe interessa.

Tal processo, culminou na economia de tempo e aumento da demanda, o que ocasionou a necessidade de mais profissionais para pautar matérias e preencher todas os “espaços” deixados pela agilidade do processo de edição. A lógica, é: se existe mais tempo, é necessário ocupar esse tempo. E se é necessário ocupar esse tempo, precisa-se também de mais profissionais para produzir, fazer a reportagem e então, editar o material.

Segundo Geller, (1998, p.60), a redistribuição de trabalhadores entre setores é um fenômeno contínuo. Na TV Paraíba, para que fosse atendida a nova demanda, alguns profissionais mudaram de função para ganhar tempo; um produtor também convive diariamente com a edição, então se torna bem mais prático que ele vá para a edição, do que contratar um profissional de fora, que mesmo já tendo experiência de mercado, precisará ser adaptado à sistemática da empresa. No entanto, os novos profissionais que foram surgindo ganharam os cargos menos complicados se serem aprendidos, para que assim não fosse atrapalhado o processo de produção.

O sociólogo Luiz Roberto Alves, acredita que uma das consequências destas revoluções é o aumento do tempo livre. Ele diz que:

O advento das tecnologias passou a facilitar o trabalho, aumentar a eficácia das ações, provocar mais saúde ambiental e criar espaços de tempo livre. No entanto, é necessário respeitar a cultura diversificada dos trabalhadores, a subjetividade dos valores da relação entre o ser humano e sua extensão físico-social. (ALVES, 2003, p. 18)

Logo, a empresa precisa respeitar o tempo e o limite de cada um de seus funcionários. O cinegrafista Damião Tomé trabalha na TV Paraíba há mais de vinte anos e, desde o princípio, carregava uma câmera analógica, pesando cerca de sete quilos. O processo era mais demorado: encaixar a fita, rebobinar e gravar. Ele conta que, muitas vezes, a câmera deu problemas, “engolindo” a fita, algo comum quando se trabalha com este tipo de material. Com a chegada dos novos equipamentos, os cinegrafistas passaram a carregar câmeras mais leves e menores. Essa aparência mais compacta também evidenciou a agilidade destes profissionais nas ruas, que puderam se movimentar com mais rapidez e, assim, não perder os furos jornalísticos.

A grande dificuldade encontrada por profissionais como Damião foi a adaptação. Vinte anos trabalhando com os mesmos equipamentos e com as mesmas técnicas, deixa o trabalho do profissional bastante mecânico e entender a sistemática da nova tecnologia não é uma tarefa fácil.

Tal situação vivida pelo cinegrafista Damião Tomé nos leva a crer que, para os profissionais atuantes, nesse processo de transição, é imprescindível a qualificação profissional, uma vez que estes profissionais dependem de uma rápida adaptação para permanecerem em seus postos de trabalho.

Para Harry Braverman (*apud* SANTADA e RAMALHO, 2004), o modo de produção capitalista destrói sistematicamente todas as habilidades à sua volta, dando origem a qualificações e ocupações que correspondem às suas necessidades. Nesse sentido, a modernização tecnológica produziria no processo de trabalho dois setores polarizados em termos de suas qualificações: de um lado, um setor altamente qualificado, e do outro toda uma massa de poucos qualificados.

Percebemos assim as transformações nas relações de trabalho, especificamente aquelas que dizem respeito às adaptações aos novos instrumentos de trabalho. Para a produção flexibilizada as empresas passaram a valorizar um profissional especializado, mas que também deve ser criativo e produzir inovação. Nesse processo de transição é a capacidade cognitiva que importa. “(...) Revela-se de importância vital ter uma equipe de profissionais capaz de operar, sistematizar e aplicar, produtivamente, de forma inovadora, os fluxos de sentido e informação.” (PEREIRA e HERSCHMANN, 2002, p.33)

Ainda segundo Carlos Siqueira, esse processo de adaptação traz muitas alterações ao estilo de vida do trabalhador, que precisa se preparar e, principalmente, se reciclar. Todo esse acompanhamento em dia, faz com que o profissional acompanhe o desenvolvimento do mercado de trabalho. Ele diz também que toda essa transformação resultou em uma nova proposta de condições de trabalho, levando-se em consideração que o processo de criação da notícia passou a ficar todo interligado, com reflexos diretos sobre a atividade jornalística.

As mutações do fazer jornalístico fazem com que as empresas reconheçam a necessidade de rever suas estratégias. E essa etapa precisa ser corporativa, para que só assim todo o trabalho pensado seja, em grupo, transformado no resultado almejado.

Com a transição da TV analógica para a digital, a linguagem jornalística também passou por algumas transformações. O termo TV digital que é essencialmente técnico, precisou ter um vocabulário traduzido para a compreensão do público telespectador. Para isso, o jornalista percebeu a necessidade de simplificar ainda mais a linguagem televisiva. O glossário da TV digital é amplo e muitas palavras são de origem estrangeira. Por exemplo, *High Definition*, é um termo usado para caracterizar tecnologia que possibilita alta resolução de imagem para vídeo. A antena UHF, que precisou ser adquirida pelos telespectadores que queriam experimentar a novidade, foi bastante mostrada na época da transição. A nova tecnologia também evidenciou a palavra Blu-Ray, que nada mais é que uma nova tecnologia que substituiu o DVD na era da alta-definição.

No ano passado, quando o assunto tornou-se novidade em Campina Grande, várias matérias foram exibidas nos telejornais da TV Paraíba, falando a respeito de cabos conversores, canais de retorno e o número de canal correto para ver a transmissão em HD. Todo esse, até então, novo vocabulário, precisou ser simplificado pelos jornalistas, que passaram a usar termos como “tela gigante”, “imagem de qualidade”, “antenas especiais”, entre outras formas de atingir todos os tipos de públicos.

Neste caso, a empresa teve a preocupação em mostrar ao grande público como consumir o novo produto. Observando as matérias veiculadas na semana do lançamento oficial da TV digital, percebe-se esta preocupação, ao mostrar o passo a passo de como converter o som e imagem para a Alta Definição sem sair de casa. Ou, caso a TV fosse em tubo, onde comprar a antena apropriada e como instalar. Toda essa preparação para, enfim, lançar a novidade, quando se pressupôs que todos os telespectadores já estariam “preparados”.

Nesse novo contexto de produção, a preocupação passou a ser outra: o importante, agora, era não mais prezar a quantidade, mas sim a qualidade e eficiência. Produz-se dentro dos padrões para atender ao mercado consumidor, ou seja, a produção passou a variar de acordo com a demanda. E em uma empresa de televisão, o retorno financeiro é mostrado através dos números do Ibope. Segundo o Chefe de Redação da TV em questão, Carlos Siqueira, os números do Ibope aumentaram significativamente após a implantação do sistema digital. Segundo ele, a curiosidade dos telespectadores e a necessidade em acompanhar a programação local (e nacional) com maior

qualidade, fez com que o “povo” sintonizasse cada vez mais no canal de transmissão da TV Paraíba em HD, que não mais seria o três e sim o vinte e um.

Ainda segundo Carlos Siqueira, a nova forma de interação, característica da globalização, procurou atingir a maior quantidade de público possível, procurando lembrar que diversas classes sociais e pessoas com os mais variados níveis de escolaridade, assistem o jornal.

É fato que por meio do sinal digital, o público tem acesso a uma tecnologia que lhe permite mobilidade e maior nitidez da imagem, oferecendo um ambiente mais envolvente de áudio. É possível, também, assistir a programação em alguns dispositivos móveis, atendendo ao público mais jovem. Essas novidades exigem uma maior qualificação por parte dos profissionais, que precisam compreender sobre o que e com o que estão lidando.

Nesta conjuntura, o desafio do profissional é diário. É um aperfeiçoamento contínuo, que transforma o dia a dia profissional em aprendizado e descobertas. Levando-se em consideração que a tecnologia não é algo inerte e se renova a cada dia, o acompanhamento, cuidado e dedicação de cada um destes profissionais, pode fazer o diferencial.

Jocemir Brito trabalha no setor de manutenção da TV Paraíba e lida diretamente com a parte técnica digital. Ele explica que a antena do caminhão dos *links* ao vivo, por exemplo, passaram a capturar melhor o sinal, porém, o cuidado e a atenção estão redobrados. Segundo Jocemir, a diminuição na quantidade de fios também facilitou bastante o trabalho, principalmente de locomoção; menos fios, maior a facilidade em montar a estrutura do ao vivo, como também desmontar.

Assim, trabalhar o conteúdo de acordo com as diversas plataformas necessitou de um treinamento específico e também de paciência por parte da empresa. Carlos Siqueira, que também atende a área administrativa da TV Paraíba, fala que toda essa alteração na estrutura organizacional da redação implica em dedicação também por parte da empresa. Os bons profissionais só surgirão a partir de investimentos feitos pelos responsáveis. Desde o lançamento oficial da TV Digital, em outubro de 2013, não param de surgir novos desafios e técnicas de aprimoramento.

Não há um novo jornalismo. O que há são novos hábitos de consumo informacional e, conseqüentemente, novas formas de se produzir um conteúdo relevante, o que resulta em novos modelos de produção, distribuição e interação quanto ao jornalismo propriamente dito. O conceito do jornalismo como função pública não mudou, mas o profissional de jornalismo vem sofrendo mutações significativas. (TORRES, 2012, p. 03)

Sendo assim, o perfil dos novos jornalistas precisa atender a demanda de um público com novos hábitos de consumo informacional. Daí o maior e principal desafio: adaptar-se.

Com essas exigências da TV digital, surgiu também um profissional mais completo e curioso. O jornalista, que vivia essencialmente da escrita, anda cada vez mais próximo a programadores e designers. E nesse mundo cada vez mais conectado e interligado, todo jornalista deve ter em mente como funciona uma mídia digital no quesito mercado.

Há outras metáforas nas tentativas de compreender o papel da mídia na cultura contemporânea. Já pensamos nela como condutos, que oferecem rotas mais ou menos imperturbadas da mensagem à mente; podemos pensar nela como linguagens que fornecem textos e representações para interpretação; ou podemos abordá-la como ambientes, que nos abraçam na intensidade de uma cultura midiática, saciando, contendo e desafiando sucessivamente. (SILVERSTONE, 2005, p. 15)

Deste modo, essa frequente atualização da mídia é mais do que importante, é fundamental, assim como o acompanhamento dos seus profissionais:

O profissional em jornalismo está diante de um mundo que agora se mostra diferente daquele que se tinha até pouco tempo atrás. Este profissional viu sua identidade, seu papel e até sua profissão mudar, acrescentando demandas, agregando outros conhecimentos técnicos e o obrigando a buscar outras especialidades. Desta forma, um novo profissional parece ter sido criado, com uma nova visão de mundo, com uma identidade mais fluida, com campo cognitivo aguçado, tendo ainda que lidar diretamente com os reflexos de uma sociedade globalizada, regionalizada e com uma comunicação agora não apenas horizontal, mas também pulverizada no emaranhado informativo das redes telemáticas. (LIMA e BEZERRA, 2010, p. 12)

Este novo contexto demonstra como as regras do mercado de trabalho atingem não só os meios de comunicação e seus profissionais, mas toda uma estrutura ocupacional. Em um mundo que passa por transformações econômicas, sociais, culturais etc., cada vez mais constantemente, tais mudanças, tão comuns no universo jornalístico, pode começar a surgir em espaços de tempo cada vez mais curtos, forçando tais profissionais a uma constante reciclagem para manutenção e obtenção de novas habilidades e competências.

Considerações finais

Este trabalho analisou como os profissionais da TV Paraíba foram afetados com a mudança da TV analógica para a digital, mostrando que eles se adaptaram através da familiarização com os novos meios de trabalho e com a dedicação em compreender cada etapa, considerando o trabalho do grupo de forma individual.

O estudo confirmou, através de entrevistas com os funcionários da empresa, que estas dificuldades existem, mas estão sendo, diariamente, substituídas por conhecimento, através de dedicação e prática. O estudo confirmou as dificuldades de convivência com potencialidades inexploradas por parte destes profissionais que, no início, passaram por um período de ‘estranhamento’ e repulsa. Porém, aos poucos, estas lacunas foram substituídas por jornalistas e técnicos menos acomodados e mais dedicados com a qualidade do produto final.

A dinâmica pós-fordista exige uma capacitação pluralista do profissional, característica que encontramos nos profissionais da emissora de TV em questão que, com o investimento em novos equipamentos, precisou contar com funcionários que detivessem o conhecimento não só de uma ação dentro do processo produtivo, mas também de uma rede de ações. Esse conhecimento politécnico das linguagens visa também uma construção mais pontual e objetivista, diminuindo, assim, o tempo de execução de determinados processos.

Referências

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Sociedade da informação, Reestruturação Produtiva e Economia do Conhecimento.** São Paulo. Disponível em: <http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/artigos/1c9b939492daa9edbc3c9684d7398751.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**; reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia; reestruturação produtiva sob o capitalismo global.** Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Originalmente apresentada como tese de doutorado.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 13. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna;** novas teorias sobre o mundo contemporâneo, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, Verônica Almeida de Oliveira; BEZERRA, Vinícius Ramos. **Jornalismo e Jornalistas em Tempos de Reestruturação Produtiva: Reflexos do Pós-Fordismo e das Tecnologias Digitais na Atividade Profissional**. In: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Campina Grande/PB, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1148-1.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2014.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006. (Coleção Paradidáticos)

NUNES, Pedro (Org.) **Mídias digitais e interatividade**. João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB, 2009.

PEREIRA, Carlos Alberto M. e HERSHMANN, Micael. Comunicação e Novas estratégias organizacionais na era da informação e do conhecimento. In: **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo, UMESP, n.32, 2002.

SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. (Coleção passo-a-passo).

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Trabalhar o mundo**; os caminhos do novo internacionalismo operário. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TORRES, Cleyton Carlos. **Perfil do novo jornalista vai além do jornalismo**, São Paulo. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/44983>. Acesso em 21 fev. 2014.